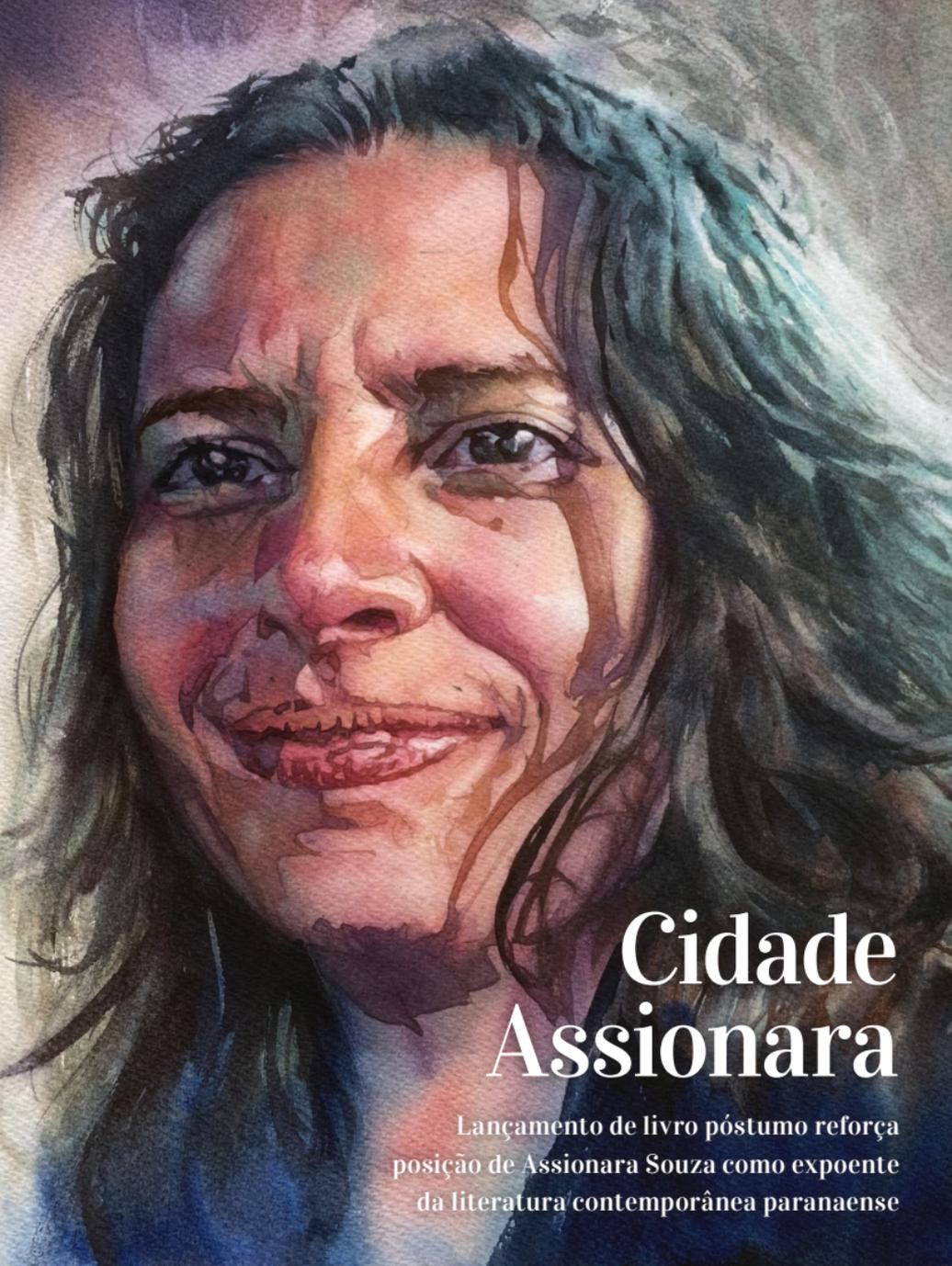


# Cândido

JORNAL DA BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ N.128 MARÇO DE 2022

CANDIDO.BPP.PR.GOV.BR



## Cidade Assionara

Lançamento de livro póstumo reforça  
posição de Assionara Souza como expoente  
da literatura contemporânea paranaense

# Índice

- 3** ESPECIAL  
**Nara não é um cachimbo**  
Hiago Rizzi
- 11** POEMAS  
**Instruções para Morder a Palavra Pássaro**  
Assionara Souza
- 16** ENTREVISTA  
**Histórias sobre antimusas**  
Jussara Salazar  
por Luiz Felipe Cunha
- 25** CONTO  
**Samantha & Helio**  
Clarissa Comin
- 31** FOTOGRAFIA  
**Cândido Lopes, 133** 📍  
Alessandra Moretti
- 41** REPORTAGEM  
**Notas e Letras**  
Abonico Smith
- 56** PENSATA  
**Fantasma, robôs, escrita automática**  
Christian Schwartz
- 62** POEMA  
**lembro quando jorge foi embora**  
Ana Luiza Riguetto

# Nara não é um cachimbo

Hiago Rizzi



## Edição póstuma de Assionara Souza apresenta poética amadurecida da escritora mais conhecida pelos contos — potiguar radicada em Curitiba morreu em 2018

Em uma tarde de 1996, uma jovem entrou na livraria de Luci Collin e se apresentou, enfrentando a timidez. Horas antes, a livreira havia lido o mesmo nome no jornal: Assionara Medeiros de Souza ganhou um concurso nacional de contos e estampava uma manchete. Anos depois, Assionara foi aluna da primeira turma de graduação em Letras para a qual Luci deu aulas na Universidade Federal do Paraná. No fim do semestre, faltou às provas e reprovou na matéria. Virou história — o encontro entre mestre e discípulo foi sabotado, dando lugar a uma amizade sólida.

Quando lançou *Cecília Não é um Cachimbo* (7letras, 2005), Assionara já assinava sem o Medeiros e estava no mestrado, pesquisando a obra de Osman Lins. A potiguar via grandiosidade na escrita do pernambucano e queria dividir a impressão com o mundo. Pouco a ver com o fato de também ser nordestina, acredita Luci, que acompanhou de perto a produção. Se mantinha muito reservada e com um olhar investigativo para as pessoas e objetos do cotidiano, com que preencheu sua literatura.

Na mesma época, foi convidada pela escritora mineira Silvana Guimarães a publicar com o coletivo Escritoras Suicidas, ao lado de autoras como Carola Saavedra, Andréa del Fuego e homens que assinavam sob pseudônimos femininos — ironizando uma “escrita feminina”. Também colaborou regularmente com a *Germinal*, revista eletrônica editada por Silvana, num momento em que as participações eram engendradas por intermédio de editoras e trocas de e-mails, capazes de lançar novos nomes ao mercado.

Assionara atualizou até 2016 o seu próprio *blog*, também nomeado *Cecília Não é um Cachimbo*. Construiu uma rede ancorada em Curitiba, onde vivia definitivamente desde 1989. Silvana foi a amizade virtual mais próxima. De 2015 a 2018, quando morreu em decorrência de um câncer no intestino, trocavam mensagens ou ligavam quase todos os dias, mas não chegaram a ter um encontro presencial. A morte de Assionara, aos 48 anos, motivou uma pausa para o *Escritoras Suicidas*.

Depois dos contos de *Cecília*, vieram *Amanhã*. *Com Sorvete!* (7letras, 2010, publicado no México pela Calygramma), *Os Hábitos e os Monges* (Kafka, 2011) e *Na Rua: a Caminho do Circo* (Arte e Letra, 2014). Os textos curtos não costumam ultrapassar duas páginas. Em *Na Rua*, congrega personagens de um circo com os moradores de uma cidade. São malabaristas, manicures, mulheres barbadas, crianças, prostitutas, domadores de leões e atendentes de farmácia colocados lado a lado, marcados pela humanidade comum. Para Luci Collin, esta foi uma das habilidades de Nara (como era tratada pelos amigos): sintetizar grandes temas com leveza e ironia, sem agressividade.

A assertividade da autora atingiu um novo patamar com sua primeira publicação de poesia, em 2017, que logo esgotou a primeira tiragem. “Se pegarmos um livro de contos e o *Alquimista na Chuva* (Kotter), a gente percebe que Assionara eclode, desabrocha. Ela depura emoções naquele contingente da palavra poética: aplicava uma intenção de verdade em toda a pesquisa, palavra e estrutura, mas sobretudo nos sentimentos”, afirma Luci.

Neste mês de abril sai o primeiro livro póstumo da autora. *Instruções para Morder a Palavra Pássaro* (Telaranha, 2022) foi organizado por Assionara em 2018 e reúne mais de 90 poemas, a maior parte deles inéditos. “O tema recorrente da minha escrita é a palavra”, disse em uma entrevista. *Instruções* segue a mesma tônica.

## Alquimista na Chuva

Assionara nasceu em Caicó (RN), em 1969. Revistas e livros faziam parte da rotina da família, muitos emprestados pela Biblioteca Municipal Olegário Vale. As enciclopédias compradas com ambulantes eram parceladas pela mãe, conta Ana Santana Clemente, irmã de Nara. As duas cresceram rodeadas por contadores de histórias: os avós e ciganos que frequentavam a casa. “A ligação com o lugar nunca foi rompida, sempre encontramos Caicó nos escritos dela”, destaca.

A escritora tinha avós em Curitiba e viveu aqui por curtos períodos. Aos 11 anos, voltou a contragosto para o Rio Grande do Norte e, por rebeldia, reprovou na escola. Percebendo a ineficiência da tática, retomou os estudos e foi para Natal, onde chegou a iniciar a graduação em Arquitetura e Urbanismo. Não acreditava ter vocação para o magistério, como outras mulheres da família.

No Sul, depois de ingressar no curso de Letras, deu aulas em escolas e cursinhos pré-vestibulares. Seu perfil descontraído conquistou muitos alunos, sendo lembrada diversas vezes pelas indicações de leitura — Wislawa Szymborska, Ana Cristina Cesar, Julio Cortázar e Marguerite Duras foram alguns dos nomes absorvidos pelos jovens. Ela própria era uma leitora voraz, frequentando a literatura de vários países e períodos.

Letícia Clemente, sobrinha que hoje reside em Natal, lembra das chegadas de Assionara em Caicó, a mala contendo mais livros do que roupas. Gostava muito de livros infantis, que lia antes de dar como presente. Com a família era brincalhona — “A escritora era mais séria”, conta Letícia, que passou um semestre em Curitiba com a tia em 2015, também ano da última ida da autora para o Nordeste. Com o agravamento do câncer, a estudante vinha a Curitiba regularmente. Estava aqui quando Assionara morreu, em 21 de maio de 2018. Os livros da escritora, porém, parecem não ter grande circulação na sua cidade natal.

“Nara era, sim, curitibana. Mesmo se dizendo estrangeira”, aposta Luci. Curitiba é cenário constante de poemas e contos. A escritora podia ser vista nos cafés em torno da Reitoria da UFPR, muito próxima ao seu apartamento, na Rua Comendador Macedo. A amiga vê a época em que Assionara começou o doutorado — depois abandonado — também como uma nova fase de sua personalidade, mais receptiva e espontânea. Com os anos passou a compartilhar mais da vida pessoal e política nos círculos e redes sociais, além dos textos. Tinha muitos amigos e levantava suas bandeiras — não se vexava por ser uma mulher nordestina e lésbica vivendo na capital paranaense.

*Alquimista na Chuva*, dedicado à Luci, é um poema longo que registra dezenas de conversas literárias entre a autora e tantos interlocutores unidos em um único personagem, ficcionalizado em um único encontro. “Tudo o que a gente conversava virava poesia, foi uma época muito farta para nós”, revela Silvana. Segundo Letícia, Assionara seguiu até o fim tomando notas, com cadernos e canetas pela casa, mesmo quando não tinha mais forças.

## Translações

No início de 2018, a escritora Julia Raiz estava viajando quando recebeu de Assionara um convite para pensarem, juntas, uma peça de teatro. Depois de escrever o roteiro *Das Mulheres de Antes*, em 2016, para a Inominável Companhia de Teatro, queria se envolver além da dramaturgia. Nara estava interessada na potência criativa do fracasso, no descompasso — ainda em histórias de personagens menores. Quando leu escritos da Assionara, em 2015, Julia se reconheceu na veterana — “É uma mulher da mesma espécie, eu pensei”.

Assionara tinha a escrita como exercício, no que Julia vê o papel de artesão se sobrepondo ao de artista. Entre os povoados de *cidade menor* (Primata, 2021), está “cidade assionara souza”, poema em homenagem à autora, depois musicado por Luciano Faccini para o álbum *Furiosa Aberta*, da banda Ímã. “A Nara não é, está doente”, diz o primeiro

verso. Para Julia, “é uma maneira de pensar como escapar da doença e da morte, e que a vida e obra dela continuam além disso. Não cristalizar a Nara na doença, era uma das preocupações dela”, pontua.

A partir de 2015, Assionara idealizou e coordenou o projeto *Translações: Literatura em Trânsito*. Envolvendo uma equipe com quase 20 pessoas, textos de paranaenses ganharam traduções e gravações considerando a dicção de cada autor — Luci Collin, Marcelo Sandmann, Cezar Tridapalli, Otto Leopoldo Winck, Maria Alzira Brum Lemos, Jussara Salazar e a própria Assionara foram filmados e constam nas coletâneas vertidas para o espanhol, inglês e francês. “A Nara estava preocupada com a literatura, e não só com a que ela estava fazendo: abriu essa possibilidade para outros escritores. A mesma generosidade que tinha como professora”, relembra Luci.

Assionara explorava a produção literária tanto na prática quanto na teoria e na técnica. “Nara respirava literatura”, afirma Luci, “não fazia com luvas: era a vida dela. Não há artificialismo”. No estado onde a única mulher inscrita no cânone escrevia poesia — Helena Kolody —, Assionara teceu uma carreira na prosa. Julia Raiz destaca a capacidade de construção e descrição de cenas inusitadas, como a mulher que morde com força um copo de vidro enquanto vê, pela janela, o circo sendo montado, nas primeiras páginas de *Na Rua: a Caminho do Circo*.

## Uma Arma Quente

A segunda incursão da autora na poesia, com *Instruções para Morder a Palavra Pássaro*, gera expectativa pela presença de uma voz poética amadurecida. Para Bárbara Tanaka, que editou o livro com Guilherme Conde Moura Pereira, a escritora tinha um lirismo único, com imagens muito fortes. “O diálogo que ela alcança com a própria prosa é marcante, bonito, presente”, chancela o escritor Benedito Costa Neto no posfácio escrito em 2018 e revisitado agora.

*Instruções* é a primeira publicação da Telaranha Edições, idealizada por Bárbara, atendendo ao pedido de Assionara para que a editora estivesse envolvida com a produção da obra. A decisão é simbólica porque Bárbara foi aluna de Nara e assinou a edição de *Alquimista na Chuva*, sua última publicação em vida. A foto da capa, de Karime Xavier, era a preferida da escritora — outras dez imagens do mesmo ensaio estão em postais com poemas de Assionara a serem distribuídos com o *Instruções*. Pequenas alterações foram feitas, preservando a integridade do livro e a vontade da autora.

Nos próximos meses sai uma nova leva de *Cecília Não é um Cachimbo*, pela Arte e Letra. A viabilidade da reedição estava sendo conduzida por Assionara, em 2018. A revisão é de Silvana Guimarães, que também organiza um site dedicado à autora. Dezenas de cadernos com manuscritos estão com Silvana e Letícia, ainda não ordenados — a produção abarca prosa, poesia, dramaturgia e livros infantis, por vezes com desenhos. “Ela pediu que tivéssemos cuidado com os originais, muito critério”, reforça a amiga.

“Apesar de muito difundida na cidade, Assionara Souza precisa ser mais lida”, crava Bárbara. *Uma Arma Quente*, outro livro já finalizado pela autora, deve ser o próximo lançamento — pretendia inscrevê-lo no Prêmio Paraná de Literatura, promovido pela Biblioteca Pública do Paraná. Em entrevista de 2007, Nara avisava: “A literatura é uma arma quente. [...] Nós aqui em Curitiba também temos munição”. <



I  
nstruções  
para  
Morder a  
Palavra  
Pássaro

Assionara Souza

Leia poemas inéditos do livro  
*Instruções para Morder a Palavra Pássaro*,  
que sai em abril pela Telaranha Edições

Curitiba, esta ilha carnívora  
Engole as pessoas  
Masca por anos a fio  
E regurgita o corpo  
Insone, atordoado e tonto  
Próximo a alguma linha de ônibus  
Aqui há muitas, aos tubos  
Cápsulas de espera  
Pessoinhas agarradas a *cell phones*  
Digitam, enérgicas, mensagens  
Como papéis lançados ao vento  
Se flutuassem, luminosas e frias  
Lotariam os céus de carências  
“A ceia vai ser na mãe ou na tia?”  
“Ele não gosta de ti, *fia*. Larga mão”  
“Foto do meu pequeno. Niver de três anos”  
“Te amo!”  
“Dscp não era pra vc!”  
Curitiba, gorda e embebida em laquê  
Os pés estouram nas sandálias  
E os peidos embaixo dos panos  
Esquentam por um momento as  
Coxas brancas, orgulho fascista  
Curitiba abriga vampiros longevos  
Reticentes a *flashes* fotográficos  
E conversa fiada dos repórteres literários

Capitalizaram as mais nobres causas  
Pobre é a moeda corrente de sempre  
Mas o poeta, o poeta anda enfermo  
Delirante, largando versos pelos ares  
O poeta quer se matar, mas tem um medo louco de altura  
E inclina-se um pouco mais pra ver as cinzas caírem  
A brisa desfaz os tufos moles antes que cheguem ao chão  
O poeta é ingênuo e sofre uma dor egoísta  
Quer sair de Curitiba. Curitiba não deixa  
Curitiba o embriaga com suas doses de Dreyer  
E as droguinhas que os moleques vendem na Trajano Reis  
É preciso estar sóbrio e ter dinheiro no banco  
Pra fugir do lirismo que entorpece  
Mas a polaquinha sorriu  
Capaz que ela aceite o programa  
O batom vermelho e os cílios em riste  
Dessas moças com um pau entre as coxas  
O poeta segue abraçado trançando as pernas em dança  
Descendo pela São Francisco  
Até os sobrados sujos da Amintas  
Onde as putas passam suas tardes  
É dezembro, a noite está quente  
O poeta medita sobre o ano que passou,  
Sobre a vida que passou  
A travesti sorri  
Curitiba, sua linda! Vem! Me beija...

Encontro a poeta num café  
Já sabendo da situação delicadíssima  
Então fui preparada para dizer  
Minhas melhores palavras  
Eu que não passo de uma aspirante  
A qualquer coisa que envolva signos  
Por coincidência, ela estava sóbria  
Notei uns pelos de gato em seu casaco  
Um inverno improvisado em pleno verão  
De súbito, ela me conta uma lembrança recorrente  
Um dia da infância em que matou aula  
E foi com a filha do pipoqueiro  
[Isso mesmo, a filha do pipoqueiro]  
A um subúrbio longe  
As bicicletas deixando o asfalto  
E ganhando um rastro de poeira  
As casinhas abertas e os velhos  
Sentados em seus tamboretas  
Puxando e tragando fumo como quem medita  
A casa, um caos de louça suja e roupa jogada nos cantos  
Mas sobre a mesa, uma manga madura  
A menina pega uma faca,  
Corta a casca em tiras simétricas  
Nesse momento, a luz é morna e vaporosa  
As duas fartam-se da fruta  
E sorriem em torno de um silêncio amarelo  
Percebe aquilo sobre esculpir o tempo?  
O cheiro do café, as mãos, a voz  
A eternidade através

Das coisas que contêm brilho e mistério  
Prefiro as nuvens  
Embora não pretenda o extravio dos caminhos  
Proveniente do hábito de esquecer  
As urgências sólidas do chão  
Extasiados de gozo, os amantes  
Evadem-se do quarto escuro e buscam sozinhos  
A claridade morna da tarde  
Nas dobras mucosas da memória  
Sensações metonímicas explodem  
Entre o pensamento e a ação  
Sentir-se assim entre indeciso e lógico  
Água límpida a escorrer das horas  
Querer e não haver por perto o que desperta o desejo  
Mas trazê-lo todo inteiro junto ao coração  
É privilégio de deuses suspensos na infância da eternidade  
Quando as mãos se fazem árvores  
De onde brotam frutos de palavras novas  
Condizentes com o nome impronunciável do amor

\*

Cercar o objeto de palavras  
Até encontrar as que mais se aproximam  
De sua exata forma, suas cores e texturas  
O modo como o objeto sorri  
Num dia claro de sol  
O que vemos com nossos olhos  
Jamais terá a substância animada  
O sopro de espírito e matéria a quem  
Foi entregue um nome, uma história  
Sua suspensão etérea nos cordames do tempo  
Tocamos somente a imagem refletida na  
Superfície translúcida de algumas palavras



# Histórias sobre antimusas

Luiz Felipe Cunha



Jussara Salazar fala sobre o premiado livro *O Dia em que Fui Santa Joana dos Matadouros: do Amor entre Fogo, Faca e Bala* e adianta detalhes de seu próximo trabalho, com poemas baseados em memórias de sua infância

Sutileza, pesquisa e projeto unitário. Estas são as principais características da produção poética de Jussara Salazar, segundo o poeta e professor da UFPR Guilherme Contijo Flores (em artigo publicado em 2021 na revista *Continente*). A análise de Gontijo pode ser atestada no livro mais recente da autora, *O Dia em que Fui Santa Joana dos Matadouros: do Amor entre Fogo, Faca e Bala* (Cepe, 2020) — vencedor do prêmio Hermeliano Borba Filho e finalista do Jabuti —, que traz poemas inspirados em três histórias de mulheres distintas.

Começando por Zia, tia-avó de Jussara, que teve seus pertences queimados em praça pública quando abandonou o marido e fugiu com seu grande amor. A segunda, Maria Bueno, negra, foi degolada por um soldado no século XIX e passou a ser cultuada como santa popular no Paraná. Por fim, temos a cantora Beatriz, atingida na boca por uma bala perdida disparada por um homem que atirava a esmo no décimo andar de um edifício no Rio de Janeiro. Todas elas definidas pela própria escritora como “antimusas”.

*Carpideiras* (7letras, 2011) e *Fia* (Selo Demônio Negro, 2016) são outros livros de Jussara que abordam a violência contra as mulheres, um dos temas recorrentes de sua produção — bem como a ancestralidade, assunto de seu próximo trabalho, *Bugra*, a ser lançado ainda em 2022 pela Kotter. Nesta nova obra, a autora constrói os poemas a

partir das histórias e memórias de sua infância na casa da avó, descendente de negros e indígenas.

Na entrevista concedida ao **Cândido**, a poeta pernambucana que se considera curitibana falou sobre o trabalho de pesquisa que sempre envolve seus projetos, sua amizade com Ariano Suassuna e a ligação com as artes visuais.

### **Os poemas de *O Dia em que Fui Santa Joana dos Matadouros* foram inspirados em três mulheres. Como essas histórias chegaram até você?**

Esse livro tem uma característica muito diferente dos outros: o processo de escrita dele foi demorado, longo. Em 2018 eu já tinha escrito duas partes do livro. Já tinha escrito o “Maria, a Degolada”, porque era um trabalho que eu já fazia, desde 2007, no Cemitério Municipal, na lápide de Maria Bueno, um projeto de um livro de fotos com o fotógrafo João Urban, meu companheiro. Em 2012, comecei a escrever a última parte do livro, “Lançamento para Beatriz”, quando soube da história de uma moça que recebeu um tiro perdido na boca, lá no Rio de Janeiro. Fiquei muito impactada e comecei a escrever sobre isso, sem pretensão de nada. E ainda tinha uma história familiar que estava me instigando desde 2004, a história da minha tia-avó, que fugiu com um soldado no sertão da Paraíba. Ela fugiu e desapareceu. Meu avô, à época, jogou e queimou suas roupas em praça pública e proibiu todo mundo da família de falar o nome dela. Quando soube disso, fiquei abismada e tive que escrever. Essas três histórias juntas fecham um ciclo de discussão sobre narrativas, sobre violência, seja no sentido amplo ou no sentido mais simbólico. Por isso o livro tem a questão do “fogo, faca e bala”. Juntei essas histórias e pensei na obra do Brecht, pensei em todo o envolvimento que tinha do capitalismo, do machismo, da presença silenciada das mulheres, e fiz uma aposta. E acabou que ganhei um prêmio.

**O escritor e ensaísta Guilherme Contijo Flores, em um texto para a revista *Continente*, disse que a sua trajetória de produção tem uma tripla marca recorrente: sutileza, pesquisa e projeto unitário. Com *O Dia em que Fui Santa Joana dos Matadouros* não parece ser diferente. Mas falando especificamente sobre pesquisa, como foi o processo para esse livro? Acredito que tenha sido uma parte importante, já que levou dez anos.**

Esse processo de pesquisa vem acontecendo há muito tempo, realmente. E ele se acentuou mais em um livro que publiquei em 2011 pela editora 7letras, *Carpideiras*. Fui contemplada pela bolsa Funarte e fiz uma pesquisa de fato: fui recolher relatos sobre os cantos fúnebres. Viajei ao Nordeste e a Portugal para recolher os cantos. E gostei disso porque envolvia algo que me interessa muito que é a poesia, mas com algum ponto de sustentação nas oralidades populares, nos contos, nas lendas urbanas. E tem a questão de que gosto de projetos de livro. Quando penso que aquilo vai ser um livro, tenho ele até o final já desenhado na minha cabeça. Claro que às vezes algumas coisas escapam e temos que fazer um desvio de rota, mas sempre com um objetivo. Às vezes acontece de o objetivo mudar o projeto inicial, mas depois ele vira um outro projeto. Não sei escrever um projeto a partir de poemas soltos, tem que ter uma espécie de minicuradoria que junte tudo num sentido único, que amarre tudo como projeto.

**O que essas mulheres têm em comum e que confere uma unidade ao livro?**

Entre as duas primeiras personagens existe a questão do amor: Zia foge porque se apaixona e a outra morre em um crime passional. A terceira era uma cantora que tinha ligação profunda com a arte. São três histórias sensíveis, não envolvem brigas de casal ou momentos de violências. São histórias suaves, em que as vítimas amam, vivem, se movimentam como mulheres comuns. Mas são atingidas por movimentos vindos de homens.

**O primeiro verso de um poema diz: “no vale das sombras vigia-te o sagrado ofício maria ao fio: antimusa”. Me parece que as mulheres do livro são antimusas, em contradição às musas dos poemas dos poetas clássicos.**

O livro foi pensado nessa contradição. E nesse mesmo poema me refiro ao fato que Maria Bueno, à época de sua morte, não recebeu a unção dos mortos, a extrema unção — os padres da cidade se recusaram a abençoar o corpo de Maria. Quando foi esfaqueada, ela ficou várias horas de um dia para o outro na esquina em que foi morta. Hoje, se não me falha a memória, o local é uma casa que existe na esquina da Carlos de Carvalho — antigamente era um matagal. Embora hoje seja considerada santa, nas minhas pesquisas — geralmente nos jornais — constatei que ela era uma moça comum, vítima de feminicídio. A extrema unção se dá a todos, até aos indigentes, no entanto foi negada a Maria Bueno. “Antimusa” é empregado nesse sentido: hoje em dia se sabe quem é a mulher, os católicos estão interessados nela.

**Você também se preocupa bastante com a estrutura do livro, como apontou Guilherme Gontijo Flores no texto que citei. Como a estrutura de *O Dia em que Fui Santa Joana dos Matadouros* foi pensada? Tive a impressão de estar num filme.**

Tenho uma ligação muito forte com as artes visuais, sou artista plástica, já expus em quase todos os museus da cidade. Muito antes da poesia, a questão da organização da imagem é muito presente na minha vida. Minha formação inicial é na área do *design* e isso explica muito a história dos projetos e a ligação com a presença das imagens, que vem automaticamente para que realmente seja visto como uma sequência imagética. No meu novo livro, *Bugra*, por exemplo, ao final, eu escrevi: “Este livro é um álbum de fotografias”, porque ele tem uma sequência em que trago memórias da minha infância.

**A morte é um ponto presente na sua produção poética. Outro autor que dialogava bastante com essa temática era Ariano Suassuna, com quem você teve uma relação de professor-aluna, e também de amizade. Pode falar um pouco sobre como surgiu o interesse no autor? Você vê uma intersecção entre a sua obra e a de Suassuna?**

Ariano foi o meu professor de Estética no curso de Design, na Universidade Federal de Pernambuco. Ele era uma pessoa cativante, não tinha quem não gostasse. Nessa época, as aulas dele eram espetáculos, um show, a sala enchia. Anos depois, um amigo meu de infância, Alexandre Nóbrega, casou com a filha de Suassuna, Maria. Então, sempre que eu ia visitar meu amigo, visitava Ariano. Era sempre uma festa, uma coisa maravilhosa. Em 2008, para o mestrado, resolvi pesquisar sobre a figura do diabo no livro *Pedra do Reino*, então mantive mais contato ainda com Ariano. Fiquei muito orgulhosa quando, muito tímida, levei meu livro para Ariano e ele disse que tinha outros livros meus na sua cabeceira. Na hora tive vontade de chorar. Nossa amizade foi até o fim. E eu, de certo modo, não acredito que a obra de Ariano tenha alguma relação com a minha literatura. Eu e Suassuna bebemos da mesma fonte, que é a fonte das culturas populares. Minha aproximação com a obra do Ariano, eu diria, também se dá com a questão do diabo no sertão, Deus, o sagrado e o profano.

**Você nasceu em Pernambuco, mas desde 1985 está no Paraná, em Curitiba. Recentemente, depois de ser finalista no Jabuti, vi algumas homenagens feitas para você no seu estado natal — em jornais, sites, páginas literárias — destacando sua origem. Mas também vi aqui no Paraná homenagens no mesmo sentido, mas chamando-a de paranaense. O que acha disso? O que esses dois lugares representam para você?**

Me considero, hoje, uma escritora do Paraná, porque comecei a escrever em solo paranaense e é aqui que todos os meus amigos escritores e escritoras estão. Curitiba é meu berço. A primeira vez em que pisei aqui amei a cidade, mesmo com as pessoas dizendo que ela é fria. Fui muito bem recebida, tive sorte de encontrar pessoas que me acolheram e foram muito receptivas com o meu trabalho. Mas, ao mesmo tempo, quando vou escrever, pensar, me situar, o que vem são minhas origens. Tenho muito respeito por Pernambuco como sendo uma espécie de berço natural. E acho interessante que eu não tenha precisado morrer para que as pessoas de Pernambuco me olhassem como alguém que escreve a partir deles e longe deles.

**Um outro tema que aparece bastante na sua produção poética é a questão da ancestralidade. E parece que não vai ser diferente com o seu próximo livro, *Bugra*. “Bugra” é um termo depreciativo usado pelos europeus para se referirem aos indígenas brasileiros. Pode falar um pouco sobre o que os leitores podem esperar desse livro? Como a questão da ancestralidade vai aparecer aqui?**

O tema da ancestralidade vai aparecer da primeira à última página. Inclusive, cheguei a pontuar bastante essa minha presença nas religiões africanas. Minha avó, que é descendente de indígenas e negros, tinha um centro de jurema. Ela era juremeira, mexia com ervas, junto com as duas irmãs. Escrevi alguns poemas sobre elas. Todo dia eu pensava nisso, era impressionante. Elas moravam num sítio dentro da cidade, e o livro é um esforço de reunir todas as histórias e lembranças do local. <



Kraw Penas / BPP

# Samantha & Helio

Clarissa Comin

Samantha manja de quem tem grana e seu sonho é um pônei bebê com o pelo lilás. Não tem interesse em trabalhar, sua vida interior já demanda um tempo inesgotável e ela julga mais importante atender aos chamados multicores. Olhando com atenção eu diria que as pessoas aí fora só sabem comer, trabalhar, apodrecer no trânsito e derreter nos vórtices virtuais. Eu sou à moda antiga. Faço meus contatos por carta e, em caso de urgência, por telefone. Não vejo motivo para a pressa — apesar da efemeridade de nossas existências. Samantha vive no sul do país; em janeiro assa as costas em balneários chinfrins, em julho vê neve na fronteira com a Argentina e em setembro colhe amoras e abraça capivaras com o entusiasmo de uma menina. Eu lembro dessas coisas pequeninas enquanto sigo a 200 km / h no banco do passageiro de uma Land Rover Range Rover azul petróleo, paga à vista, bancos de couro e inteligência artificial tagarela no painel de bordo. Às vezes me sinto num avião. Mas Samantha nunca pôs os pés no aeroporto, a não ser para a despedida de uma ou duas primas que foram estudar nos EUA. Sabe, lá em casa nunca teve disso. Era tudo na base do merecimento, esforços suados, e eu, como vocês já sabem, não dou um prego numa barra de sabão, e não adianta chilicar. Próxima parada: Montevidéu. Pela janela corriam árvores e cercas, *fastforward*, e as cores misturadas convertiam-se em um borrão cinza; enquanto isso, em sua cabeça, aquele momento virava memória em *slow motion*, como a mão de Helio em suas coxas, implorando para que abra as pernas, mesmo sabendo que ela prefere a espera. Meus olhos capturam uma revoada de patos em V sobre uma plantação de soja qualquer e eu agradeço a Deus porque nesse dia o sol estava parcimonioso e meu amigo, apesar de ser quase dezembro. De onde eu vim “é sol 365 por 365 horas no dia” — peça publicitária que fracassou, mas deixou a marca do exagero em Samantha. Do seu lado Helio submergia em palavras não-ditas, ruminação de passado e coisas doloridas. Ei, minha linda, olha ali! Não parece um pé de arará? Já foi,

não deu tempo de reparar. A frutinha se parece com uma goiaba e por muito tempo pensei que elas fossem azuis, como no meu álbum favorito do Caetano. Era perda de tempo perguntar de qual música desse álbum o Helio mais gostava, ele deve achar que Caetano é jogador de algum time de futebol. Talvez ele tivesse razão. Na próxima placa de sinalização lê-se *Araçatuba*, terra dos muitos araçás e a roça onde o Helio quer morar — finjo que cochilo para o assunto nem se criar. Mas voltando ao araçá, eu sentia o gosto da palavra confundir-se ao da fruta, a princípio dura, esses erros que deixavam um gringo vexado, e depois a doçura, um deleite silencioso que acompanha o esse no final. aaaaAA RRRR sssssááá. Já imaginou uma tigela deles no banco de trás da Range Rover, sumarentos, quase podres, escorrendo entre as frestas dos bancos, o suco derramando nos tapetes, formando uma poça escura e espessa na qual eu enfiaria minha mão pelo puro prazer de besuntá-la com um doce diferente do enjoativo açúcar da paixão? Mas isso Helio não ouvia, mouco às fabulações ervas daninhas que se entranhavam nos meus caracóis castanhos, eu, sua menina. Sim, era isso, ela não passava de uma criança, recém-saída da adolescência, precisava ver o mundo. Samantha é feita de uma substância estranha e me espanta com os pedidos mais inusitados. Vocês acreditam que um dia desses ela disse que sonhava em ter um filhote de pônei com o pelo lilás? Sorri e respondi, onde diabos vou arranjar um? Te vira, tu tens grana, rico sacripanta. Samantha não tem modos, mas sim muita manha. Apesar da delicadeza de seus gestos, prevalecem sempre as manchas. Ele me olha de esguelha com a respiração opressa, ponderava o que dizer quando meu transe evidente passasse. Eu sou um homem místico, já mandaram fechar meu terceiro olho porque absorvo tudo ao meu redor, acreditam? Helio se esforçava, mas as suas piadas eram sem graça, não despertavam paixão — a não ser em seu sentido etimológico, *pathos*, pois ele era, de fato, patético. Samantha desejava em segredo e nem o mais cômico dos homens adivinharia o que está por trás

dos seus desejos. Um dia era conhecer o mundo numa *road trip, route 66*, análoga a que faziam naquele momento, pela América Latina; depois era algum doce requintado, desses cuja receita dá errado umas dez vezes antes de se acertar o ponto das claras em neve; na sequência, se via brincando com um unicórnio no tapete do quarto. Esse último foi o mais insólito e, paradoxalmente, o mais simples. Helio trabalha em uma empresa que fabrica impressoras 3D e ocorreu-lhe que as máquinas poderiam agilizar a promessa. Ele é apenas o gerente de vendas, no entanto conhece todo o pessoal da mecânica e foi lá que desabou pedindo socorro. Os colegas indagaram para quem ia o mimo bisonho e ele preferiu enfiar a filha mais nova na história e dizer que era seu aniversário de quinze anos. Ué, uma menina dessa idade quer saber de bicho de pelúcia? Não, não, vocês não estão entendendo. Esse pônei precisa *parecer* real, dar esse efeito, entende? Procurem uma pele parecida com a de um coelho, uma cauda de cavalo, um focinho de jegue, misturem tudo e vejam lá o que conseguem. Helio diz que cansou do périplo e pergunta se podemos parar no acostamento para bebericar *Evian* e comer *macarron*. Eu digo não, quero avançar o máximo possível enquanto é dia, tenho roubado tudo quanto é inspiração dessas nuvens crocodilas. Acabrunhado, ele diz que tem uma surpresa para mim no porta-malas e seria bom abri-la antes de pararmos para dormir em algum motel, tinha medo que eu não gostasse e queria satisfazer sua curiosidade. Curiosa, dona Samantha, que não era tonga, consentiu docemente com a pausa à beira da estrada. Helio freou suave, desligou o motor e me pediu que fosse até o presente. Desci desconfiada e desatei devagar os laços desajeitados do embrulho. Quando abri, ele saltou de um pulo só para fora do porta-malas e lambeu-me as mãos com os olhinhos mais ternos desse universo. Tinha cheiro de algodão doce. Não era lilás como desejei, melhor ainda, era da cor de um arco-íris, cintilante. Helio, seu miserável, eu dizia entre lágrimas quase honestas, isso não se faz, você é um amor! Olha só

a carinha desse nenê! Vou chamá-lo de Ísis. E isso não é nome de mulher? Ora essa, desde quando existe gênero definido para os pôneis? Eles são eternas crianças, são o que quiserem ser, por ora vai ser Ísis mesmo. Desde que começaram a viagem, essa foi a primeira vez em que ele baixou a guarda, distensionou os ombros e se permitiu relaxar. Sim, você mandou bem, não há mais chances de ela escapar, o jogo está ganho — como se ela fosse um cavalo na hípica batalhando a *pole position* com uns pangarés do rebanho. Depois dessa vitória, permitiu-se adentrar o mato para mijar e pediu que Samantha não mexesse no painel do carro que ele logo voltava. Ela não sabe dirigir, coitada, eu temo pela segurança de nós dois. Ela fez que sim com a cabeça e fechou as portas do carro, assumindo o banco do motorista e deixando Ísis no dos passageiros. É agora que ele não volta mais. Sem pensar, deu a partida, nem lembrou do cinto e não precisou se preocupar com a embreagem, e pôs-se a acelerar. 60, 80, 100, 120, 140, era tão rápido, meu amor! Olhava para o pônei com uma cumplicidade única, apertava-lhe uma das patas e sentia que ele correspondia a sensação. Helio, Helio, tenho tudo quanto quero, disse abrindo a porta do carro em alta velocidade. <

**Clarissa Comin** é professora, escritora e doutora em Estudos Literários. Pesquisa literatura brasileira contemporânea e ministra oficinas de escrita. Lançou os livros *vasto trovarr* (Benfazeja, 2019) e *nebulosas* (Medusa, 2020). Também tem textos e traduções publicadas em coletâneas e revistas eletrônicas.



Cândido  
Lopes,  
1331

Alessandra Moretti

Na década de 1950, o mundo respirava os ares de um pós-guerra e o governador do Paraná, Bento Munhoz da Rocha Neto, concebia a construção de uma série de prédios oficiais em estilo moderno. O Centenário da Emancipação Política do Estado estava próximo e as obras comemorativas buscavam estabelecer um novo marco arquitetônico para Curitiba. O intuito era promover a transição de uma capital de caráter provinciano rumo a um futuro cosmopolita, por meio de uma estética urbana ligada à ideia de progresso. Dentre os frutos dessa iniciativa surgiram o conjunto arquitetônico do Centro Cívico, o Teatro Guaíra e o prédio da Biblioteca Pública do Paraná, menina dos olhos do então governador.

A história da Biblioteca confunde-se com a do próprio estado: embora a instituição tenha sido fundada em 1857 — as comemorações do aniversário de 165 anos aconteceram neste mês de março —, ao longo de quase um século seu acervo migrou pelas dependências de outros órgãos públicos. Foram 12 mudanças de endereço até a conquista da sede própria, com projeto assinado pelo jovem engenheiro civil curitibano Romeu Paulo da Costa.

Atento à funcionalidade das instalações, Romeu foi ao Rio de Janeiro para consultar a bibliotecária Lydia de Queiroz Sambaquy. Muito respeitada por seu ofício, a profissional vinha de uma linhagem de figuras públicas eminentes, a exemplo de sua prima, a escritora Rachel de Queiroz. Da virtuosa parceria entre Lydia e Romeu resultaram a setorização da BPP por assuntos e o sistema de livre acesso, que permitiu aos usuários buscar pelas publicações de forma autônoma, como em uma livraria. Até então, nenhuma outra biblioteca brasileira oferecia essa inovação.

Sob um ritmo de trabalho intenso, a Biblioteca tomou forma em surpreendentes oito meses e foi a primeira das construções comemorativas do Centenário a ficar pronta, em 1953. De casa nova e endereço fixo, seria inaugurada um ano depois, com direito a pompas oficiais e à presença do Presidente da República, Café Filho.

Em dezembro de 2003, desta vez por ocasião dos festejos de 150 anos da Emancipação Política do Paraná, a BPP foi tombada pelo Patrimônio Histórico Estadual, em reconhecimento ao seu lastro para a memória paranaense.

## Espaço-tempo

Desde a inauguração, o prédio da Biblioteca Pública passou por duas grandes reformas dedicadas a restaurar a edificação, ampliar a capacidade do acervo, adaptar sua rede à era digital e modernizar seus ambientes. Da comunicação visual ao mobiliário, tudo é um convite às novas gerações de frequentadores (e aos nem tão jovens assim). Em sintonia com seu tempo, a instituição segue sendo referência em pesquisa, empréstimo de livros, consulta de periódicos e de uma variedade de bens culturais como fotografias, filmes e peças gráficas, só para citar alguns.

Num momento em que as pessoas se reconectam com espaços públicos e reatam laços comunitários, a BPP se reafirma como epicentro cultural da cidade, um lugar democrático onde convivem visitantes de todas as formações e interesses.

Além do seu valor arquitetônico e afetivo, o edifício da Rua Cândido Lopes, que completará 70 anos em 2023, abriga e protagoniza a história a um só tempo — prova material de que, como organismo vivo, a Biblioteca Pública do Paraná jamais envelhece... reinventa-se. <

> **Alessandra Moretti** é mestre em Comunicação e Linguagens / Cinema. Trabalhou como redatora, roteirista e diretora de audiovisuais até se render à fotografia de arquitetura. Mantém o Instagram @alemoretti.foto















# Notas e letras

Abonico Smith



Cinco Cêrche / Divulgação

› Tony Bellotto



Weber Pádua / Divulgação

› Fernanda Takai

## Músicos consagrados do cenário pop nacional que também são escritores falam de suas experiências literárias e editoriais

Quem canta ou toca algum instrumento sabe muito bem o quanto é possível criar maravilhas com infinitas combinações de 12 notas musicais. Quem gosta de escrever e ler na língua portuguesa também tem, mesmo que intuitivamente, esta mesma noção de que tais infinitas criações fantásticas podem ser feitas com um universo um pouco maior de matéria-prima: apenas 26 letras. Agora imagine uma pessoa que domine estas duas habilidades e seja capaz de, ao mesmo tempo, compor canções e publicar livros...

O **Cândido** saiu em busca deste pequeno universo de convergência de dons artísticos e foi atrás de nomes conhecidos em todo o país que se dedicam a desenvolver de forma simultânea carreiras na música e na literatura, tendo a veia pop comum a ambas. Gente que, por ter começado na área dos concertos e registros fonográficos, fez primeiro seu nome por meio de versos, acordes e melodias e, aos poucos, foi experimentando a outra vertente e acomodando uma ocupação paralela em seu currículo.

O mais famoso nome dessa turma é com certeza Tony Bellotto. Guitarrista dos Titãs há quatro décadas, ele aproveitou uma grande pausa nas atividades da banda ocorrida em 1994 para mergulhar de cabeça no universo literário. Enquanto seus colegas se dividiam entre projetos solo, grupos paralelos e até mesmo a formação de um selo alternativo chamado Banguela, ele colocou no papel uma aventura do personagem Remo Bellini e publicou, no ano

seguinte, o primeiro de uma série de livros centrado neste detetive à moda antiga, guiado muito pelo uso da intuição e mergulhado no mundo contemporâneo de internet e celulares, inspirado por grandes criações semelhantes como Miss Marple, Hercule Poirot e Sherlock Holmes.

*Bellini e a Esfinge* fez tanto sucesso que, duas temporadas depois, veio uma segunda trama, *Bellini e o Demônio*. Foi o suficiente para dar empurrão a uma trajetória paralela que hoje já contabiliza uma dúzia de títulos nas livrarias e três adaptações para o audiovisual — os dois Bellinis iniciais para o cinema e o título mais recente, *Dom* (2020), para uma série de *streaming*.

Quanto às suas principais influências, Bellotto é enfático. “Adoro a literatura americana. A prosa seca obsessiva de Hemingway sempre me instigou demais, a sua premissa do essencial, do objetivo, do direto. Ele corta todos os adjetivos, por exemplo. Também admiro muito as histórias de não ficção de Truman Capote e Don deLillo. O que fizeram em *A Sangue Frio* e *Libra* é algo incrível”, diz. Sobre a veia brasileira, ele destaca a predileção pela era regionalista dos anos 1960 e também pelas obras de Rubem Fonseca. “Ele transformou nossa literatura em algo urbano.”

A urbanidade está bastante presente em *Dom*, possivelmente o principal sucesso entre os títulos escritos pelo guitarrista até aqui. Tanto que chegou às prateleiras em 2020 e não levou sequer um ano para ganhar versão audiovisual, em série de nove episódios disponível na plataforma de *streaming* Amazon Prime. A trama — uma ficção baseada em fatos verídicos, nos moldes de Capote e DeLillo — gira em torno de um policial que se dedica à luta contra as drogas e seu filho, que passa de jovem usuário de cocaína a um dos mais procurados traficantes do Rio de Janeiro.

“*Dom* é um caso particular em minha trajetória. Nasceu como um roteiro de filme. No meio do caminho decidi fazer um romance. Daí despertei de novo a vontade no Breno Silveira, que seria o diretor do longa-metragem e acabou fazendo a série. Só que a história não é só minha. Vem da minha visão sobre os acontecimentos, do outro livro escrito

pelo Vítor, que foi a pessoa que me procurou para que eu pudesse contar a história de seu filho, e do que o Breno ouviu do Vítor junto comigo”, conta Belotto.

O fato de *Dom* já ter nascido com os DNAs das linguagens e formatos (filme, série, livro) praticamente juntos é um sinal de que Tony, ao contrário de muitos outros escritores, não torce o nariz quando se faz alguma adaptação das páginas para as telas. “Gosto muito da visibilidade que um título ganha no mercado quando ele é transformado. Tenho aquele prazer pessoal em ver como o diretor acaba transpondo a obra para sua visão particular, como os personagens ganham vida de acordo com a interpretação dos atores. Também entendi logo cedo, quando era só um leitor, que filmes e livros são coisas bem diferentes. Já tomava como exemplo disso o que Stanley Kubrick e Alfred Hitchcock faziam no cinema. Filmes costumam se fixar somente em uma determinada parte do livro. Dou esse desconto por causa do limite de tempo nas telas.”

## Variedade estilística

Quem também possui extensa carreira como autor literário é Thedy Corrêa, que há três décadas e meia é o *frontman* da banda Nenhum de Nós. O número de títulos publicados pelo baixista e vocalista gaúcho já chega a cinco e o que chama a atenção nesta trajetória é a variedade estilística. O primeiro, *Bruto*, de 2006, é composto por poemas / canções e pensamentos que parecem ter saído de um diário íntimo e pessoal. De lá para cá vieram reflexões acerca de fatos e curiosidades espalhados por toda a sua vida, textos que complementam ilustrações produzidas para uma exposição de arte, diálogos diretos com o leitor insone das madrugadas e ainda o roteiro de uma história em quadrinhos.

O que abastece a produtividade da literatura feita por Thedy é exatamente o mesmo combustível das letras do Nenhum de Nós: histórias baseadas em ideias, ações e

personagens comuns do cotidiano. “Sempre busquei isso nos meus versos: a contemplação da natureza humana. É uma coisa que vem desde cedo, quando os livros que lia quando jovem me jogavam para esse tipo de universo. Lia autores como Jung, Fante, Bukowski, o pessoal *beat*. Até encontrar em Caio Fernando Abreu um novo pilar, aquela coisa crua, dissecada e aprofundada em camadas. Além de sempre costumar evitar jogos de palavras ou frases feitas, gosto quando consigo criar com as palavras uma conexão com alguma imagem. Várias faixas do Nenhum de Nós são assim desde o início”, explica o autor do *hit* “Camila, Camila”, talvez um dos seus maiores exemplos da convergência entre o textual e o imaginário.

Boa parte de sua paixão pelas imagens, claro, vem do grande consumo de HQs. “Sempre li, desde pequeno. Nos últimos anos até reencontrei algumas coisas que desenhei quando garoto, personagens que eu mesmo criei. Meu sonho, aliás, era ser desenhista. Tanto que cheguei a publicar charges em um jornal gaúcho antes de seguir profissionalmente com a música”, relembra.

Esse processo de reaproximação com os quadrinhos rendeu a abertura de uma escola de desenhos em Porto Alegre e ainda o lançamento dos dois títulos mais recentes dele. Na HQ *O Segredo da Floresta* (2016), ele e o desenhista Felipe Nunes contam a história de um casal de irmãos “postiços” que contrastam em desejos e sentimentos quando a nova família acaba unida — ela não se adapta à chegada de novos integrantes ao seu núcleo, enquanto ele está louco para desbravar as novas possibilidades e estabelecer novas conexões. Já em *Imersão* (2020), Thedy assina as histórias de suspense inspiradas nas gigantes pinturas de Renato Guedes e, de forma curta, quase como uma legenda, atizam o leitor a procurar ligações entre os personagens separados por várias décadas.

Paralelamente ao aceno às imagens, Corrêa continuou próximo da paixão literária de outras formas. Para o amigo e diretor teatral Zé Adão Barbosa, criou a trilha sonora para o musical *O Apanhador*, com personagens e histórias baseadas

no universo do escritor J.D. Salinger, mais precisamente sua obra mais famosa, *O Apanhador no Campo de Centeio*. Ao vivo, uma banda formada especialmente para o espetáculo comandava as canções. Na gravação das dez faixas em estúdio, que estão disponíveis no Spotify, ele se juntou ao mesmo time de jovens instrumentistas porto-alegrenses.

Ainda no terreno musical, Thedy é um dos vértices do trio paralelo Venus in the Sky, mais voltado para as sonoridades do *indie* pop e do eletrônico, que vem soltando aos poucos suas músicas em plataformas de *streaming* de áudio com respetivos vídeos na página oficial do YouTube. Uma destas canções chama-se “John Fante’s Head” e seus versos questionam — e tentam desvendar — o que estaria por trás da mente criativa do cultuado escritor norte-americano.

“Também estou ensaiando umas novidades no universo do livro”, antecipa o múltiplo escritor e músico. “Uma destas novas obras virá espelhada na minha experiência como palestrante, quando falo desde a história da música até a possibilidade de melhorar com ela o ambiente de trabalho. Aqui eu fiz uma imersão em estudos acadêmicos para me aprofundar nos assuntos. Também quero muito escrever algo na linha do *thriller*. Sempre fui muito fã de mistérios. Nos tempos de colégio eu devorava autores como Lovecraft e Poe e romances policiais. Ultimamente, por sugestão de um grande amigo editor gaúcho, venho mergulhando no universo de Stephen King. Gosto muito da maneira que ele aborda a irrealidade e os extremos do comportamento humano.”

## Quase por acaso

Outro nome com bastante experiência na arte de se dividir entre palavras impressas e outras cantadas é Fernanda Takai. A mineira, lançada há 30 anos junto ao grupo Pato Fu (que continua em plena atividade, aliás) e que mantém trabalho solo em paralelo, começou quase que por

acaso sua trajetória literária. “Volta e meia eu era chamada por alguma revista para escrever um texto. Publiquei na *Marie Claire*, *Pais & Filhos*, *Quatro Rodas*, *Playboy* e até mesmo na *Globo Rural*. O pessoal do *Estado de Minas*, atento a essa movimentação, fez um convite para eu escrever contos e crônicas no jornal. Daí para saltar aos livros foi um pulo”, relembra. Hoje ela contabiliza quatro títulos lançados: as coletâneas *Nunca Subestime uma Mulherzinha* (2007) e *A Mulher que não Queria Acreditar* (2011) e outros dois direcionados ao público infantil, *A Gueixa e o Panda Vermelho* (2013) e *O Cabelo da Menina* (2016).

Para Fernanda, a atividade da escrita começou como uma possibilidade de escape da carreira pela qual ficou conhecida em todo o país. “Quando escrevia as colunas, quase nunca colocava a música como elemento principal. Sempre foquei mais na vida ordinária, nas outras coisas que também acontecem comigo ou como as percebo. Temas como viagens, comida, problemas do consumidor”, explica. “Claro que uma vez ou outra falei sobre personagens da música, mas não sobre ela em si. Quando aconteceu o acidente com o Herbert Vianna, escrevi sobre o ocorrido, não sobre os Paralamas e a carreira deles. Fiz outro sobre a Amy Winehouse e a vontade de dar a mão a ela quando estava morrendo. Não é só o lado bom de ser alguém do meio musical. Quero que quem esteja lendo chegue ao fim de um texto meu por causa do texto em si, não pelo fato de eu ser cantora.”

Claro que a experiência da maternidade — Fernanda é mãe de Nina, hoje uma jovem de 18 anos prestes a entrar na universidade e que já ilustrou a capa do último livro publicado pelo avô (o pai de John Ulhôa, marido de Takai e também cofundador do Pato Fu) — inspirou-a a enveredar às obras infantis. *O Cabelo da Menina*, segundo ela, veio explicitamente da relação cotidiana das duas. “Muitos fatos narrados ali são verídicos, mas com desfecho diferente. Na verdade, a mãe acaba sendo mais liberal no livro. Foi uma forma de tentar me redimir”, brinca, afirmando ser uma tentativa de se modificar com o livro. “Ali estão

várias revelações do meu modo de pensar que veio com a maternidade. E a relação com a mãe que eu também tenho. Assumo totalmente isso, o que é muito maluco. São as coisas misteriosas da arte.”

Takai está preparando agora uma novidade que chegará em breve às livrarias. “São escritos curtos que estão em negociação”, adianta, sem querer entrar muito em detalhes mais específicos. “Procuo escrever um pouco todos dias, sem parar de fazer isso. Quero exercitar aqui meu bom humor e um senso que é crítico, mas não muito ácido.”

Exercício constante — desta vez de leitura — também foi o que lhe garantiu o repertório variado. “É técnica que se aprende. São fundamentos que vão sendo conquistados. Isso forma o prazer de ser leitor. A mesma pluralidade que procuro ter na música também acontece como leitura. Começou nas prateleiras dos meus pais. Minas já tem aquela tradição de grandes cronistas do dia a dia. Aliás, em geral, a literatura brasileira é muito boa”, sustenta a fã de nomes como Clarice Lispector (“já li quase tudo o que ela fez”), Lygia Fagundes Telles, Autran Dourado e Antonio Callado. E uma prova de sua diversidade são as duas obras à qual ela dedica sua atenção neste momento: *O Livro do Traveseiro*, clássico da literatura japonesa escrito no final do século X, e um mangá de terror com a assinatura do também nipônico Junji Ito, presente dado por Nina.

## Primeira viagem

Neste seleto grupo de músicos-escritores também encontram-se marinheiros de primeira viagem. Dois deles, por sinal, estão gostando tanto da experiência que já confessam em alto e bom som já estarem se preparando para mais lançamentos literários em breve.

Vocalista e criador do hoje trio Vanguard, Helio Flanders finalizou o texto de sua obra de estreia em 2018, durante um tempo de autoexílio passado em solo italiano. “Nunca tinha feito um processo semelhante a este, de mudar toda

a minha rotina. Acordava entre 10 da manhã e meio-dia, escovava os dentes e aproveitava a cabeça vazia do dia para escrever. Muitas vezes até mesmo para fazer trechos desconexos com o livro no processo de feitura dele”, conta.

*Manual para Sonhar de Olhos Abertos* saiu durante a pandemia, já em 2021. Segundo o autor, é uma obra híbrida. “Pode se considerar um romance, mas nada tradicional. São reflexões do protagonista, algumas horas misturadas com poemas. Diria ser mais um ‘romance sentimental’, daqueles em que o texto não quer dizer muita coisa do exterior. O que acontece importa menos do que aquilo se sente.”

Flanders garante que o personagem Pipico de seu livro não o representa, mas sim “o mundo ao meu redor. Como, por exemplo, gostar de ouvir a banda Charme Chulo”. Muito do que está ali traduz experiências vividas na cidade de São Paulo, onde reside há quase duas décadas, e de suas viagens — principalmente um mochilão feito aos 18 anos de idade na Bolívia e que durou cerca de nove meses. “Tudo isso ganha vida nos personagens, não pertence somente a mim”, esclarece. “Não tinha vontade de fazer algo que não fosse ficção, que ficasse restrito somente a uma compilação de poemas ou memórias.”

O parto do trabalho de estreia, para ele, foi “muito gostoso”, justamente pelo fato de tirar de si o peso de justificar a sua própria vida. “Claro que no início do processo eu não escapei de passar por aqueles questionamentos de vaidade, de me perguntar se alguém iria gostar lá no final. Quando cheguei à conclusão de que não deveria escrever tendo ninguém ou nenhum tipo de leitor em mente, e sim me dedicar àquilo que eu mesmo gostaria de ler, me soltei e me diverti de verdade. Descobri a nova ocupação e me permiti passear como músico”, complementa.

Para fazer *Manual para Sonhar de Olhos Abertos*, Helio levou dois anos no total. “Escrever foi fácil, saiu tudo muito rápido. O que levou mais tempo depois foi ficar aparando as arestas.” Por isso, ele projeta para 2023 o lançamento do próximo livro, que, muito provavelmente, será o miolo de uma trilogia.



➤ Hique Gomez



➤ Helio Flanders



➤ Thedy Corrêa

## Metabiografia

Quem também quis fugir de uma narrativa convencional de memórias da carreira profissional foi o músico e ator gaúcho Hique Gomez, mais conhecido do grande público como o violinista Kraunus Sang do espetáculo *Tangos & Tragédias*, apresentado ininterruptamente por 29 anos — até a inesperada morte do seu companheiro de cena Nico Nicolaiewsky, o acordeonista Maestro Pletskeya, aos 57 anos de idade, por causa de uma leucemia descoberta semanas antes.

Sua estreia literária poderia ser uma mera história do *Tangos & Tragédias* ou mesmo algo mais extensivo, pegando sua carreira profissional como um todo, desde antes da formação até depois da partida do parceiro. Contudo, *Para Além da Sbornia* (2019) é uma metabiografia. “Explico o teatro hiperbólico através de teorias da psiquiatria, por meio do círculo de Jung”, conta. “Além do teatro hiperbólico tem o eu fracassado, aquele que sempre revela os nossos traços que teimamos em querer esconder sempre. Tudo aquilo que nós, como sujeitos, reprimimos e não queremos externar. Por exemplo, o ridículo e a mágoa. Então esse teatro da sombra acaba ligado às práticas da construção de um *clown* pessoal. Todos nós temos um *clown*. Kraunus Sang é o meu.”

Hique continua discorrendo sobre o alterego. “Toda essa carga de informação eu construí quando fazia terapia. Coloquei muito em prática isso quando eu e Nico fazíamos longas temporadas do espetáculo, sobretudo em São Paulo. Muitas vezes era um nível grande de demanda diária. Todo dia a gente acordava, escovava os dentes e já colocava a roupa do personagem para sair. Ficava o dia inteiro assim porque tinha de ir não sei onde para dar entrevista, aparecer na televisão... Era performance como Kraunus Sang o dia todo, até terminar o espetáculo à noite.”

Para ele, a principal dúvida foi como colocar tudo isso no papel. Como manter na escrita o mesmo traço espontâneo do espetáculo que o tornou famoso em todo o país? A solução, então, foi recorrer à base milenar da

transmissão das narrativas: a tradição oral. “Muitas pessoas que leram o livro me disseram que pareciam que escutavam eu falando e discursando sobre as coisas.” A técnica, entrega, foi aprendida usando o próprio DNA — Gomez é pai da autora Clara Averbuck. “Ela que é mesmo a escritora da família. Sempre fez essa coisa de misturar coisas de si com os personagens das histórias, desde a adolescência. Aprendi a falar sobre mim mesmo com a Clara.”

Para futuras publicações, há opções sendo traçadas pelo músico. “Tenho algumas possibilidades literárias em desenvolvimento. Há várias histórias em construção. Uma se chama *A Árvore dos Violinos*, que conta a história de um advogado que encontra documentos ligados a uma sociedade de músicos, que, quando crianças, receberam sementes que cresceram ao mesmo tempo que se desenvolviam como violinos, dando aquela madeira espetacular. Aqui o discurso trará não só música, mas também elementos da filosofia e do estudo da cabala, que pratico há muito tempo. Outra ideia é fazer um livro menor em cima de uma palestra que costumo dar, que terá a ótica da psicologia e da psiquiatria em cima da história da Sbórnia. Enfim, como a gente viveu muito junto esse tempo todo, mantendo um traço tênue de ligação entre nós dois.”

Por falar em Kraunus e Pletskaya, será que ambos não renderiam ainda personagens para novos livros? “*Para Além da Sbórnia* já poderia se transformar em um bom roteiro de uma segunda animação com os personagens. Existe também uma *websérie* no YouTube que conta a história da Sbórnia. Mas, sim, acho que é possível sim que sejam criadas outras histórias de ficção, desta vez em livros, envolvendo os dois”, conclui.

## Movimentação no mercado

A reportagem do **Cândido** entrevistou apenas cinco bons exemplos de músicos de ofício que passaram a se aventurar simultaneamente em experiências literárias. No pop verde-e-amarelo há ainda outros bons

exemplos desta dicotomia artística. Os *rappers* Emicida e Gabriel, O Pensador já têm até prêmios recebidos por publicações voltadas a leitores infantis. Humberto Gessinger (ex-Engenheiros do Hawaii), Otto (ex-mundo livre s/a), Marcelo Yuka (produtor, baterista e letrista de bandas como F.UR.T.O. e O Rappa, já falecido), Carlos Lopes (Dorsal Atlântica), Rodrigo Carneiro (Mickey Junkies) e Leonardo Panço (que tocou nas bandas *underground* cariocas Soutien Xiita e Jason, além de ter criado o selo Tamborete, por onde lançou a carreira da cantora Pitty) também colocaram em páginas impressas um misto de pensamentos, poesias, sentimentos, diários de viagens e até mesmo quadrinhos, fotografias, trilhas sonoras e artes gráficas.

Nilson Paes, que há cinco anos criou ao lado do radialista, escritor e ex-VJ da MTV Brasil Fabio Massari a editora independente paulista Terreno Estranho, vê com excelentes olhos esta movimentação no mercado das letras nacionais. Para ele, é natural que esta tendência seja incorporada no Brasil também. Afinal, de uma década para cá, o terreno das notas musicais vem se mostrando pequeno para a vontade de criar e se expressar destes autores. “O leque é muito grande na área literária. E o músico está cada vez mais com vontade de mostrar que não carrega apenas aquela imagem de *popstar*. Ele também é um ser humano comum, com passagens da vida diferentes daqueles momentos de glória em cima do palco.”

Tem quem domine a ficção com perfeição, como é o caso de Nick Cave e Gibby Haynes (Butthole Surfers). Outros, como Lee Ranaldo, guitarrista de Nova York que fez história com o Sonic Youth, prefere colocar no papel suas impressões durante determinados momentos de bastidores de turnês. Já Mark Lanegan (que morreu no final de fevereiro) e Bobby Gillespie (o gênio escocês por trás do codinome Primal Scream) preferem focar no âmago de um determinado momento de sua própria biografia e dilacerar aquilo em parágrafos e capítulos.

Por sinal, todos esses autores pertencem ao catálogo de publicações traduzidas e que já foram ou ainda serão lançadas em breve pela Terreno Estranho.

“Outro fator interessante é que, através destas publicações, estes ídolos fazem com que seus fãs retomem ou criem a força e a vontade de ler. Existe até um pessoal mais íntimo do universo literário que sobe no pedestal e torce o nariz para quem vem do mundo da música. O que é bom também, porque este nicho pop acaba criando uma forte subcultura jovem”, aponta, de maneira taxativa. Tal qual acontecera, aliás, durante o nascimento do *rock'n'roll* lá nos anos 1950, que ajudou a formatar o conceito de adolescência que não existia antes. E essa mistura frenética dos dois foi dar no que conhecemos hoje como música pop. <

**Abonico Smith** é jornalista especializado em arte, cultura e comportamento, com 35 anos de atuação ininterrupta na área. Criou em 2002 e edita desde então o website *Mundo Bacana* e já publicou e atuou em diversos veículos de circulação no Paraná e no Brasil. Também atua como professor de Comunicação.

# Fantasma, robôs, escrita automática

Christian Schwartz

Por que as máquinas seriam melhores do que nós na seleção — de preferência não só criativa, mas também ética — de conteúdos, se são os humanos a alimentá-las do bom e do ruim, do bonito e do feio?

(Alerta: a data real de publicação deste texto é 2022, mas os leitores estão convidados a imaginar, enquanto leem, que vivem num futuro em que a Escrita Automática entrou nos currículos de literatura das escolas e das graduações universitárias.)

Como todo mundo sabe, humanos e máquinas são igualmente competentes para escrever. Na verdade, não fosse pelo selo de certificação usual no início deste artigo, você poderia até pensar que um humano o escreveu! Mas quando tudo isso começou? Quando as máquinas começaram a escrever como humanos? E quando os humanos decidiram que era hora de dividir a tarefa com as máquinas?

Ao se tornar possível automatizar um aspecto da cultura, isso também tende a nos alertar para uma automaticidade que sempre existiu ali. Assim pode ser com os algoritmos da linguagem, da cultura em geral, da justiça, e daí por diante. Também funciona para o nosso autômato interior. Afinal, você é um ser humano e muitas vezes faz as coisas “automaticamente”, sem nem pensar. Nem percebe que tirou o casaco.

A terceira década do século XXI é hoje amplamente reconhecida como um ponto de virada na história da geração automática de textos. O rápido crescimento em escala dos então chamados “Large Language Models” (LLMs) levou a avanços aparentemente significativos na

automação de tarefas que até então eram consideradas difíceis, ou em alguns casos impossíveis, para as máquinas.

Na época, a terminologia preferida pelos cientistas que trabalhavam no processamento e na geração automática de linguagem natural refletia os vieses cognitivistas e antropomórficos que há muito tinham sido incorporados por algumas vertentes da ciência da computação. Naquele tempo, uma explicação típica sobre o funcionamento de um LLM para o público não especializado se concentraria na função da “rede neural” — uma técnica de programação de computadores que, dizia-se, era semelhante à organização dos neurônios no cérebro.

A mania das “mídias sociais”, naquele início de século 21, também desempenhou um papel significativo por meio da mercantilização e da redução a “pontos de dados” de muitas formas de fala e interação que antes raramente eram capturadas e armazenadas em mídia eletrônica.

O que a mistificação acerca das “redes neurais” vista no começo do século 21 teve de incomum, porém, foi a forte tendência entre os cientistas de atribuir poderes de mediação aos dispositivos ou ao próprio processo tecnológico a ponto de essas suposições soarem quase ingênuas.

Os cientistas manifestavam a esperança de que mais pesquisas pudessem levá-los a desenvolver “bom senso” nas máquinas, o que permitiria evitar “erros bobos” (como afirmar que o fogo continua aceso debaixo d’água, ou que um lápis é mais pesado que uma torradeira). Alguns se inquietavam também com tendências preocupantes das máquinas de repetir coisas desagradáveis que os sistemas haviam “absorvido”: linguagem racista, misoginia, insultos homofóbicos.

Esse desejo desesperado de que os LLMs “amadurecessem” e se transformassem em substitutos matemáticos para seres humanos adultos, capazes de escolher o tom e o registro apropriados para conversar com estranhos, era curioso, pois se descobriu que o antropomorfismo que sustentava a ideia de “rede neural” era, em muitos sentidos, angustiantemente superficial.

Teria sido viável uma compreensão mais “humanitária” dos limites e potencialidades desses dispositivos se seus criadores os tratassem como bebês ou crianças pequenas, refletindo sobre as metáforas de “aprender”, “ensinar” e “formar”, e desenvolvendo, também para os autômatos, currículos adequados que controlassem sua exposição aos efeitos nocivos de testemunhar violência, injustiça e desigualdade?

Mas, ao contrário, na corrida para acumular os maiores e mais convenientes repositórios de dados, aqueles cientistas foram amontoando tudo o que encontravam, esperando que os sistemas tivessem “discernimento” para separar o ruim do bom, o bonito do feio.

A reinserção dessas máquinas de calcular labirínticas no domínio de instituições anteriores dedicadas a selecionar, peneirar e preservar o conhecimento ajudou a pavimentar o caminho para o consenso de que o processo de abstração é interpretativo. Era preciso abandonar, enfim, a ideia de que as próprias máquinas realizariam essa tarefa. Não, a seleção definitiva se dava pelas interações entre humanos cuja linguagem alimentava o sistema e humanos que liam o que dele resultava. O fato de que, assim como um livro, o sistema conseguia de alguma forma captar as vozes de gente distante no espaço e no tempo reforçava a afinidade básica dessas duas tecnologias da palavra.

Fomos lembrados de que essas máquinas, como as bibliotecas fictícias de Borges, contêm, nas profundezas de suas prateleiras, todas as combinações possíveis. Nós, os bibliotecários, somos os únicos capazes de escolha.

\*

Voltemos a 2022.

Até este ponto, o texto que você lê — como grande parte do que hoje se publica, ao menos nas áreas menos criativas da escrita, digamos — foi produzido num esforço híbrido homem-máquina (mais sobre isso adiante). A ideia original, e demasiado humana, de

projetar o ponto de vista narrativo no futuro, olhando “para trás” (nosso presente, na verdade), saiu de algumas das melhores cabeças atualmente dedicadas a pensar as possibilidades da geração automática de textos — inclusive criativos, quiçá até literários.

No livreto *Ghosts, Robots, Automatic Writing* [fantasmas, robôs, escrita automática], um grupo de pesquisa formado no Centro de Humanidades Digitais da Universidade de Cambridge, na Inglaterra, faz um *tour* pelo mundo etéreo da automatização da escrita: sua história, suas perspectivas — e, a sério, desenvolve guias para análise crítica de textos “escritos” por máquinas e avaliação desses híbridos textuais em exames seletivos do futuro (vestibulares, por exemplo). Termina apresentando um experimento no qual uma pequena história é contada e recontada pelo, digamos, “fantasma na máquina”.

O que talvez soe como um exercício fútil, e francamente algo lunático, de entusiastas um pouco entusiasmados demais por sua área de expertise é, na verdade, um ensaio original — híbrido, ele próprio, de ficção especulativa, artigo acadêmico e divulgação para público geral — sobre coisas que já fazem parte no dia a dia de quem escreve. E mais importante: sobre decisões nessa área que, como em tudo aquilo que envolve o quase-monopólio das Big Techs suspeitas de sempre, Google à frente, talvez não sejam as mais sensatas. Por que as máquinas seriam melhores do que nós na seleção — de preferência não só criativa, mas também ética — de conteúdos, se são os humanos a alimentá-las do bom e do ruim, do bonito e do feio? As escolhas quem faz, enfatizam os pesquisadores, somos nós. *No excuses.*

Isso não deveria nos impedir de reconhecer que os avanços do presente, mesmo quando vistos daquele hipotético futuro do início deste texto, são impressionantes — conforme já defendi anteriormente aqui mesmo no **Cândido**.

Eis a prova definitiva — e a revelação final: a primeira parte deste artigo é, com alguns retoques, uma tradução automática de uns poucos parágrafos (de um total de cerca de quarenta páginas) do livreto produzido pelos pesquisadores de Cambridge.

A peça acabada cuja leitura você agora conclui, porém, é de autoria do “bibliotecário de Borges” que aqui digita as linhas finais. De todas as combinações possíveis nas profundezas de labirínticas prateleiras, é o resultado das escolhas deste que, por fim, assina o texto.

Parodiando Asimov: eu, autor.

► **CHRISTIAN SCHWARTZ** nasceu e vive em Curitiba. Estudou língua e literatura francesas na Universidade Paris IV (Sorbonne), na França, e cursou pós-graduação em literatura na University of Central England (UCE), em Birmingham, etapa de sua formação concluída na UFPR com um mestrado em Estudos Literários. Traduziu autores como Jonathan Coe, Nick Hornby, Hanif Kureishi, Graham Greene, Philip Roth, Jeffrey Eugenides e F. Scott Fitzgerald.



1  
lembro  
quando  
jorge  
foi  
embora

Ana Luiza Riguetto

sei que jorge não conhecia  
o amor

não digo isso porque  
ele tenha declinado

a meus convites para  
um chopp, um almoço, uma peça de teatro

ou porque suas pernas fossem muito finas  
para os ombros largos

jorge cozinhava com calma e comia sempre  
sozinho

eu sabia disso pelo jeito como  
ele subia no ônibus depois do trabalho  
quando nos despedíamos

jorge nunca me falava  
dos seus  
pais se tinha  
irmãos me contava

do relógio novo  
de tiras de couro  
sintético  
que em três dias  
chegaria pelo correio  
falava muito

sobre variedades  
de relógios de pulso

\*

jorge ligava sempre à mesma hora  
toda sexta quando quase amanhecia

confesso  
eu só dormia depois de nos falarmos

nessa época ele fazia exercícios  
de voz, queria ser ator, algo assim

eu ouvia suas últimas abocanhadas na maçã  
ele mastigando  
até engolir, respirar fundo, dizer

então,  
hoje faz 23°C,  
é uma manhã de outono

e recitava listas como  
coca-cola não  
leite não  
morango sim  
água sim  
que se dividiam entre coisas más e boas  
para as cordas vocais

se eu perguntasse  
como você está  
ele dizia  
progredindo

se eu perguntasse  
por que tão cedo  
ele dizia  
é a única hora possível

uma vez perguntei  
jorge, se sua vida fosse virar autobiografia, qual título teria?  
meu título seria uma pessoa que prefere não, e o seu?  
uma pessoa com cara de paisagem, respondi  
é um bom título  
o seu também

\*

o celular vibrava apressado  
se era jorge  
eu atendia logo

jorge não era bom de conversas  
um dia me perguntou assim

você já tinha imaginado ter os seus próprios  
desejos?

jorge, respondi, a sua voz  
está muito limpa



**Ana Luiza Rigueto** nasceu em 1991 em Mimoso do Sul (ES) e vive no Rio de Janeiro (RJ). Formada em Comunicação Social na UFRJ, atualmente cursa o mestrado em Ciência da Literatura na mesma instituição. Ministra oficinas de poesia, escreve críticas para o jornal *Rasquinho* e trabalha como *social media*. Publicou *entrega em domicílio* (Urutau, 2019), o livro coletivo *Antígona Morreu Então Preciso Falar com Você* (Urutau, 2021) e o videopoema *não me fale do fim* (2017). Recentemente, colocou em circulação pelos correios a plaquete *teatrinho* (edição da autora, 2021 / 2022).



## EXPEDIENTE

Governador do Estado do Paraná

**Carlos Massa Ratinho Junior**

Secretário da Comunicação Social e da Cultura

**João Evaristo Debiasi**

Superintendente-geral da Cultura

**Luciana Casagrande Pereira**

Diretor da Biblioteca Pública do Paraná

**Luiz Felipe Leprevost**

Editor

**Omar Godoy**

Redatores

**Hiago Rizzi**

**Luiz Felipe Cunha**

Design Gráfico

**Rita Solieri**

Diagramação

**Ctrl S Comunicação**

Colaboradores desta edição

**Abonico Smith**

**Alessandra Moretti**

**Ana Luiza Rigueto**

**Christian Schwartz**

**Clarissa Comin**

Ilustração de capa

**Marcos Beccari**



# Cândido

[imprensa@bpp.pr.gov.br](mailto:imprensa@bpp.pr.gov.br)

[candido.bpp.pr.com.br](http://candido.bpp.pr.com.br)

[instagram.com/candidobpp](https://www.instagram.com/candidobpp)

